

chegará ao 5.º andar em perfeito estado de afinação...»²⁵⁴ Em certos sectores arreigava-se a convicção de que o ministro das Finanças desenvolvia uma acção meritória mas tinha de arrostar com a resistência passiva ou activa de múltiplas forças que lhe sabotavam o trabalho.

Entretanto, após dois dias de exaustivas consultas, com gente a entrar e sair de Belém a toda a hora, Óscar Carmo-
na escolhe para formar o novo Ministério o tenente-coronel
Passos e Sousa, de quarenta e oito anos, o herói do 7 de
Fevereiro, que está no Forte de Elvas como governador do
presídio militar.

* * *

Abílio Augusto Valdez de Passos e Sousa chega a Lisboa na tarde de 15 de Janeiro, vindo de Elvas, e dirige-se imediatamente a Belém. A conversa com Carmona, a que assistem outros oficiais, dura uma hora e meia — finda a qual o militar aceita o encargo.

É então a sua vez de iniciar contactos febris, que irão arrastar-se por quatro longos e penosos dias. Instalado no Hotel Internacional, à esquina da Rua da Betesga com o Rossio, aí recebe sucessivas visitas — sobretudo militares e ministros do Governo anterior. E a meio da tarde de 16 vai a Belém falar com Carmona. À chegada, diz aos jornalistas, convicto: «Espero ter o Governo constituído ainda esta noite...».²⁵⁵ Mas não sabia o que o esperava.

De Belém parte para casa de Salazar, na Avenida Duque de Loulé, onde fica durante uma hora. E aqui começam os problemas. À saída não diz uma única palavra. Seguir-se-ão dias difíceis. Só ou acompanhado, Passos e Sousa irá mais duas vezes a casa de Salazar. Porém, não transpira nada sobre as conversas. Percebe-se apenas que as coisas não andam nem desandam.

Não era a primeira vez que Passos e Sousa se confrontava com a inflexibilidade do actual ministro das Finanças. No Verão de 1927, era então vice-presidente do Ministério,

convidara Salazar para substituir Sinel de Cordes naquela pasta e ele recusara.

Agora a história repetia-se.

Salazar fazia-se difícil.

O indigitado chefe do Governo desespera e, sem saber mais o que dizer, propõe a Carmona um Governo sem Salazar; mas o Presidente recusa terminantemente.

As conversas entre o tenente-coronel e o ex-ministro das Finanças voltam ao ponto zero, revelando-se insuportavelmente desgastantes. Salazar mostra-se inabalável. Ensanduichado entre os inimigos de Salazar, que o pressionam para não aceitar as suas exigências, e a teimosia do irreduzível ministro, Passos e Sousa sente-se impotente. No dia 19 de Janeiro, da parte da manhã, vai uma vez mais a casa de Salazar, onde ambos mantêm uma conversa prolongada — que será a última. Desloca-se depois a Cascais, à Cidadela, para falar com Carmona — onde Salazar também irá a seguir.

São momentos que não podem arrastar-se por muito mais tempo. É marcada uma reunião decisiva para o princípio dessa noite de 19 no Palácio de Belém.

Quando lá chega, Passos e Sousa é um homem esgotado. Talvez derrotado. Os últimos dias tinham sido para ele especialmente traumáticos. Tendo-se mostrado um herói nos confrontos armados, soçobrava no mundo mais traiçoeiro dos meandros da política. Um jornalista que o vê à entrada do Palácio de Belém registará depois: «O homem para quem todos olhavam desde há quatro dias apresentou-se no palácio ao anoitecer. Vi-o chegar. Vinha nitidamente preocupado. As maçãs do rosto — que as tinha acentuadamente salientes — pareciam haver perdido um pouco daquela coloração rosada que as caracterizava. Procurava aparentar, mas não o conseguia, um ar de certa descontração. Vi nele um vencido.»

São 19h00 e é já noite cerrada. O jornalista prossegue: «Subi também, atrás dele. Belém parecia um palácio desabitado. Não se ouvia um rumor, não se abria uma porta, não se encontrava viva alma.»²⁵⁶

Mas pouco depois começarão a chegar individualidades. Desta vez não entram pelo Pátio dos Bichos e sim pelo Pátio das Damas, situado no outro extremo do conjunto palaciano, no lado oriental. Carmona mantém com os presentes reuniões parcelares e de conjunto. A certa altura chega Salazar. As horas sucedem-se e não há notícias. Os jornalistas vêm passar comida e percebem que a noitada se vai prolongar. Já depois das 4h00 da manhã, o secretário-geral da Presidência da República vem à sala onde esperam os ensonados repórteres e lê um comunicado onde se afirma que Passos e Sousa declinou o convite para formar Governo, tendo sido designado para o efeito o general Domingos d'Oliveira. É mais um murro no estômago: Salazar encostara à parede outro militar. Três primeiros-ministros — dois em exercício de funções e um indigitado — tinham caído por sua causa. Parecia o *remake* de um filme já visto. Salazar mostrava o seu lado inflexível: ou era como ele queria ou não era.